

## A AMIZADE CAXIAS – OSÓRIO E A SUA PROJEÇÃO POLÍTICA



Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador militar e também jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército do Exército Brasileiro Vol 136 2 Quadrimestre 1999. p.67-82 digitalizado para ser disponibilizado em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e cópia impressa para o acervo da FAHIMTB na AMANem levantamento para disponibilizá-lo no sistema de Bibliotecas do Exército. Este assunto foi alvo de nossa palestra em Brasília no Regimento de Dragões da Independência em 22 de Agosto de 2003, na CONFRARIA DOS CAMARADAS DE CAVALARIA DE BRASÍLIA presidida pelo Gen Ex Virgílio Ribeiro Muxfeldt. Escrevo a História desta Unidade em 21 de abril de 1972, no Correio Braziliense com o título; UMA TESTEMUNHA DOS GRANDES MOMENTOS DE NOSSA HISTÓRIA e reproduzido na Revista Militar Brasileira Volume 98, mai/jun 1972, p.105/112. E escrevo os seguintes livros sobre a vida e obra

destes chefes militares: Caxias e a Unidade Nacional. Porto Alegre:AHIMTB, 2003 e, General Osório o maior herói e líder popular brasileiro. Resende:AHIMTB/IHTRGS, 2008. Publicadas no bicentenário desses heróis cujas capas reproduzimos ao fina

## A AMIZADE CAXIAS – OSÓRIO E A SUA PROJEÇÃO POLITICA



***Reprodução de trechos de correspondência trocada entre os dois chefes e líderes militares e referência a passagens de suas vidas testemunham as relações de amizade e respeito que os uniam***

A amizade entre os dois maiores generais do Brasil teve início em 1839, em Pelotas, quando o Duque de Caxias era tenente-coronel e o General Osório e Marquês do Herval era capitão recente.

Osório representava outros oficiais junto ao Ministro da Guerra, que Caxias assessorava, contra o General Elziário. Português de nascimento. O General Elziário era monitorado por conservadores radicais que impediam a paz farroupilha. Ele saíra-se mal operacionalmente, acusado de preconceituoso e irônico contra oficiais brasileiros. Osório, desgostoso, havia pedido baixa para atender a problemas de sua mãe viúva.

O que o ministro e Caxias viram e ouviram deram razão a Osório, que foi convencido a não deixar o Exército e mereceu, dos outros generais após Elziário, as melhores referências.

Ao assumir a pacificação da Revolução Farroupilha, Osório logo granjeou a simpatia e apreço de Caxias, barão e brigadeiro. Pelo brilho operacional de seu legendário 2º Regimento de Cavalaria, sediado em Bagé, Caxias assim se dirigiu a Osório:

***“Major, o corpo ao seu comando é modelar! O Governo deve-lhe uma promoção. Previno-o que fui pedi-la ao Ministro da Guerra.”***

Osório recebera, de Caxias, missão de afastar Rivera do apoio aos farrapos e se desincumbira com brilho. Daí por diante, segundo Calógeras, Osório tornou-se o homem indicado para missões que ***“exigissem tato, finura, coragem e jeito”***

Na *Paz de Ponche Verde* Osório esteve ao lado de Caxias incorporando, como livres em seu Regimento parte dos Lanceiros Negros farrapos libertos pelo *Convênio de Ponche Verde*.

Quando o Imperador visitou o Rio Grande, Caxias encarregou Osório de fazer-lhe a segurança, e a de sua comitiva, de Cachoeira a São Gabriel, com a seguinte recomendação:

***“Cuidado Tenente-Coronel Osório! O Imperador é jovem. Só tem 20 anos e há de querer correr.”***

Osório veio a ser, em 1846, o grande cabo eleitoral de Caxias, eleito senador vitalício pelo Rio Grande do Sul, com escolha confirmada pelo Imperador.

Caxias, senador pelo Partido Conservador, e Osório, deputado provincial pelo Partido Liberal, foram pioneiros do ideal de fazer a política do Exército e não a política no Exército. E isso praticaram até o final de seus dias, como se verá.

Na guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852), o Tenente-Coronel Osório se tornou assessor imprescindível de Caxias no trato com chefes militares platinos aliados, como, por exemplo, o General Urquiza. Caxias designou Osório, com seu regimento, para integrar a Divisão Brasileira que lutou em Monte Caseros, do que resultou a derrota de D. Manoel Rosas. Ao embarcar para o Rio, Caxias deixou o seguinte recado a um terceiro:

***Transmita este abraço ao nosso Osório. Ele é o maior guasca (bravo, destemido, valente) da Província do Rio Grande e o que mais louros colheu na Batalha de Monte Caseros.***

Osório, em função de sua atuação política, foi por duas vezes caluniado, sob a acusação de querer separar o Rio Grande do Brasil e juntar-se a países platinos. Caxias, como chefe do Governo, o defendeu junto ao Imperador e demais ministros, classificando a acusação como ***“um exemplo das teias caluniosas da época.”***

Uma nova investida resultou na transferência do Brigadeiro Osório para a Corte, sem função. Caxias intervém e consegue que o Imperador use o Poder Moderador para anular a transferência e conservar Osório no comando da fronteira do Jaguarão. Osório, indignado, confidenciou ao amigo e protetor:

***“Enquanto dura o perigo não sofro a acusação de separatista. Acaba-se a guerra e logo começam os meus grandes inimigos a apregoar que sou anarquista e insubordinado...”***

Na Guerra do Paraguai, Caxias foi convidado para assumir o comando-chefe. Mas teve de recusar, por não lhe ser dada a presidência do Rio Grande, à qual se subordinava a Guarda Nacional, e por ser Ministro da Guerra. o Visconde de Sinumbu, o único inimigo que Caxias disse ter tido no Exército e que nunca o havia querido como subordinado. Não aceitaria subordinar-se a um inimigo numa missão de tamanha responsabilidade (Sinumbu fora o derrotado, em 1835, pelos farrapos na Azenha). Entretanto, Caxias aplicou-se, nos bastidores, para que Osório fosse nomeado comandante-chefe, o que ocorreu.

Depois de sua vitória em Tuiuti, Osório retirou-se do Teatro de Guerra por doença.

Com o desastre de Curupaiti, sob o comando do General Polidoro Quintanilha Fonseca Jordão, Caxias, novamente convidado, aceitou, sob condições que o Partido Liberal aceitou e honrou. Convidou Osório a retornar à frente do 3<sup>o</sup> Corpo de Exército a mobilizar no Rio Grande do Sul, animando-o com estas palavras:

***“Fale a estes guascas naquela linguagem que nós dois sabemos.”***

E foi formada uma dupla integrada pelo maior líder de batalha, Caxias, e de Osório, o maior líder de combate do Brasil, até hoje não superado, e que escreveu as mais belas páginas da história operacional do Exército Brasileiro.

Finda a guerra, a politicagem tratou de criar desconfianças e abalar a amizade entre Caxias e Osório - o primeiro, uma legenda guerreira do Partido Conservador e, a segundo, uma legenda guerreira do Partido Liberal. E passou a explorar inverdades do desempenho de Osório no ataque a Humaitá, com a retirada não ordenada por Caxias, e o atraso de Osório no desbordamento da ponte de Itororó.

Caxias, em célebre discurso (15 de julho de 1870), no Senado, desfez por completo a intriga política, exaltando a figura do amigo ao qual sempre dera carta branca. Mas, novas investidas colheriam os dois heróis muito doentes e abalados com a perda das

esposas e por ingratidões. Um senador que sempre atacava Caxias, Silveira da Mota, leu em plenário carta de Osório em que este dava a entender que contestava Caxias. Isso provocou enorme mágoa em Caxias e um abalo na amizade entre ambos, pois Caxias esperava que, se qualquer dúvida existisse, o amigo a ele se dirigisse para esclarecer.

Em 1877, quando Osório, eleito senador pelo Rio Grande, assumia o posto, Caxias que sentava próximo, na bancada gaúcha, não foi ao seu encontro para abraçá-lo. Limitou-se a cumprimentar com um gesto de cabeça a distância, como que esperando a iniciativa de Osório, igual à que este em 1847, fizera com seu pai senador, indo ao seu encontro quando foi empossado, abraçando-o de modo comovido.

A politicagem explorou o incidente exaustivamente. Em reunião do Senado, sendo chefe do Governo e Ministro da Guerra, Caxias foi interrogado de modo insistente, impertinente, indiscreto e impiedoso pelo não cumprimento ao Senador Osório.

Caxias monossilabicamente respondeu a todas as indagações, até que falou mais ou menos assim:

***“Não fui abraçá-lo, pois a ele caberia antes, como oficial do Exército, ao chegar do sul, ter ido ao Ministério da Guerra cumprimentar-me, por ser eu mais velho, mais graduado e ter sido sempre o seu chefe.”***

A posição de Caxias foi firme. Não transigiu com as vigas-mestras do seu Exército - a Hierarquia e a Disciplina.

O incidente abalou externamente uma amizade íntima e de confidentes, como o prova o intenso intercâmbio epistolar entre ambos, mas não a admiração e o respeito íntimo que ambos se tributavam. Assim, em sessão do Senado, de 5 de outubro de 1877, o Senador Osório faz uma proposição à qual Caxias, senador, chefe do Governo e Ministro da Guerra, apóia em aparte que solicitou:

***“Sr. Presidente o que propõe o nobre senador Osório me parece conveniente. Com os recursos que existem na Província do Rio Grande do Sul e no local em que estão situados os campos do Governo, deixam eles de prestar bons serviços às necessidades militares da fronteira. A idéia do nobre Senador Osório de colocar campos de pastagens próximos dos quartéis de fronteira é de suma vantagem e, por isso, não me oponho a que se conceda autorização.”***

Em suma era vender campos distantes dos quartéis, no interior do Rio Grande, para comprá-los juntos aos mesmos.

Osório substituiu Caxias no Ministério da Guerra e, em aparte, um senador insinuou que Osório estava fazendo críticas ao seu antecessor.

Osório, com veemência e categórico, respondeu em alto e bom som:

***“Declaro ao Senado que repilo a insinuação. Se esse general, por cuja saúde faço votos na sua doença, esqueceu por um momento os abraços do amigo dedicado no perigo, não atribulo seu gesto à sua vontade, nem a uma possível ingratidão. Qualquer um de nós pode sofrer uma grave enfermidade. Eu nunca soube na vida senão respeitá-lo”.***

Esse final é que faltava na história do incidente do cruel questionário a que Caxias foi submetido no Senado por Zacharias de Góes.

Osório faleceria primeiro que Caxias, no final de 1879, e Caxias, cerca de meio ano depois, em 8 de maio de 1880, no município de Valença-RJ, junto à filha mais velha. Deixaram, ambos, o Exército na orfandade por serem seus defensores no Senado, tarefa que exerceram nos últimos trinta anos.

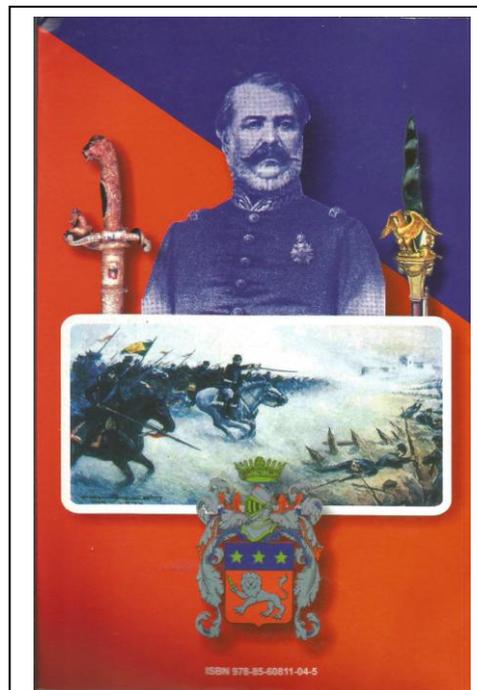
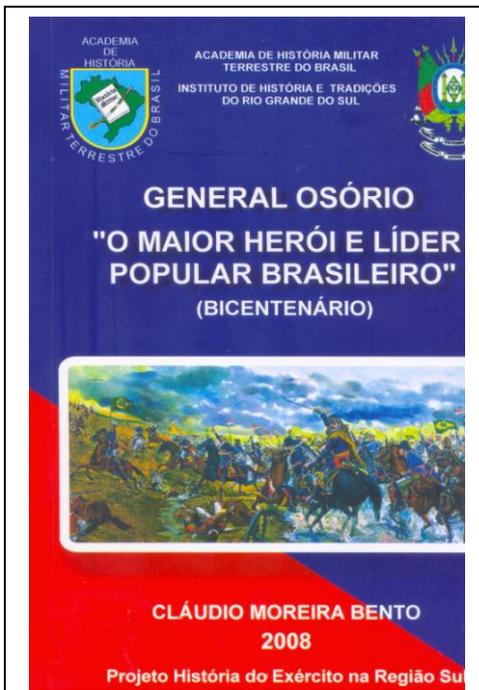
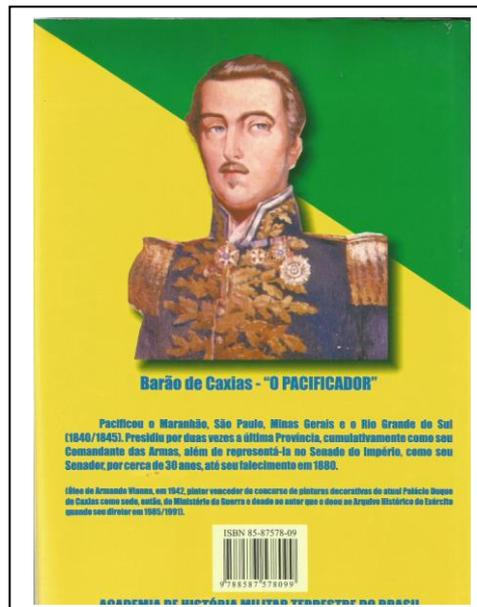
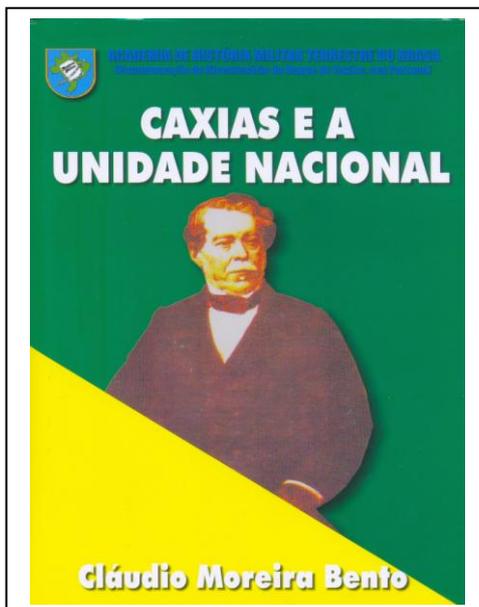
Para compensar suas ausências, militares do Exército e da Marinha, na Igreja Santa Cruz dos Militares, em 1881, organizaram o **Diretório Militar** para lutar pela eleição de militares dos partidos Conservador, Liberal e Republicano para o Parlamento. Não conseguiram eleger nenhum representante. Foram **cristianizados**. E continuaram órfãos de representatividade no Parlamento. Foi nesse **Diretório** que emergiu a liderança do Marechal Deodoro da Fonseca, oito anos antes da proclamação da

República. E, dentro de um mesmo movimento iniciado no **Diretório Militar**, ocorreram a **Questão Militar**, liderada por Deodoro, como presidente do Rio Grande do Sul, e a fundação do Clube Militar. Ainda sob a liderança de Deodoro, ocorreu o protesto acolhido pelo Clube Militar, para que o Exército não fosse usado como capitão de mato na perseguição de escravos fugidos, o que equivaleu à Abolição de fato, antecessora da Abolição de direito, em 13 de maio de 1888, e a proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, seguida de sua sangrenta consolidação (1891-1895).

**“Quem não conhece a História corre o risco de repeti-la.”**

Aqui, na celebração da amizade Caxias-Osório, tão benéfica para o Brasil, e para o Exército em particular, que cada um colha a lição que:

**“A História que como mestra da vida e mestra das mestras”**, sugere.



1ª e 2ª capas de biografias de nossa autoria de Caxias e Osorio ,enriquecidas com farta ilustração. Na 1ª capa de Osório pintura da Batalha de Avaí do acadêmico emérito Cel Pedro Paulo Estigarribia e .na 4º capa Osório na Batalha de Monte Caseros , pintura do Patrono de Cadeira Alcebiades Miranda Junior

**'Coronel de Engenharia e Estado-Maior,  
Presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil.**